POR FERNANDO HALAL

Irio Rodrigues, o Poeta Pobre: talento subestimado

"Este é o meu escritório", diz o homem magro, de barba e cabelos brancos, rosto marcado pelas rugas, portando trajes humildes e carregando uma velha bolsa recheada de folhas de papel, ao apontar para um dos bancos públicos da praça Xavier Ferreira. Sua aparência realmente chega a lembrar um personagem do popular programa humorístico A Praça é Nossa. Mas Irio Rodrigues, mais conhecido como Poeta Pobre e uma das últimas figuras folclóricas do imaginário rio-grandino, é também um dos filhos mais talentosos da Noiva do Mar - mesmo que muitos não saibam disso.

Aos 69 anos, o poeta e escritor vive de pequenas doações daqueles que vão visitá-lo na praça. Subestimado, jamais teve seu brilhantismo reconhecido pelas grandes mídias. "Eu subestimado. Posso morrer na miséria, mas minha obra permanecerá", profetiza.

Filho de lavadeira, órfão de pai e vindo de uma família de cinco irmãos, Rodrigues teve uma vida difícil. Autodidata, aprendeu a ler aos nove anos, em casa e com o auxílio de uma cartilha ("se há algo que nunca tive, é carteira escolar"). Seus primeiros impulsos poéticos vieram logo em seguida, mesmo sem ter acesso à cultura. Ainda na época dos primeiros aprendizados, Irio auxiliava a mãe no sustento da casa. "Trabalhei [illegible]

[illegible]

"Na bolsa, ao invés de calhamaços, carrego sonhos", relata, contando que não se lembra de quantos poemas já escreveu

Opiniões

"Adquirimos e distribuímos seus livros entre todas as escolas da rede municipal. Acredito que esta seja a melhor forma para apoiar e reconhecer o valor desse grande artista"

[illegible], secretária municipal de Educação

"É uma obra colossal, que poderia fazê-lo brilhar em todo o país"

[illegible]

[illegible]

Pobre Riqueza

Negros e brancos
Ricos e pobres
Ninguém é nobre
Somos iguais
Ante do túmulo
Não há reinado
Reis e rainhas
São igualados
Aos desgraçados
[illegible]

"Sou filho de lavadeira e com muito orgulho", diz o andarilho

A Legião dos Desgraçados

Debaixo das marquises
Onde dormem os infelizes,
Sobre as folhas de jornais
Quantos morrem congelados
Dormindo desabrigados
Nas cruéis noites hibernais.
São as vítimas do relento
Que ali morrem sonolentos
Sem um gemido de dor
Atirados à má sorte
A sofrer até a morte
Ao relento, que horror
E os direitos humanos
Onde estão? Só vejo insanos
Pelas ruas a padecer;
Virando latas de lixo
Disputando com os bichos
Restos de pão pra comer.

Crianças, jovens e velhos
Andarilhos deste mundo,
Num sofrimento profundo
Loucos de fome e de frio,
É a legião dos desgraçados
Que anda por todo lado
E a sociedade não viu
A sociedade assassina
Quase sempre dobra a esquina
Sem ao menos olhar pra trás,
Porque ao olhar de frente
Vai ver bandos de indigentes
E por eles pouco faz.
Gente simples e esquecida
Que a vida condenou
A viver como indigente,
Seus crimes foram carentes
E a sociedade os matou.

Livro "Coletâneas 2003" foi distribuído entre as escolas municipais